

**ITE MISSA EST:
A LITURGIA
FORMADORA DE
MISSIONÁRIOS**

Iniciamos a nossa reflexão procurando entender o sentido da liturgia como formadora de missionários de Jesus Cristo, a partir de suas próprias fórmulas oracionais e de seus ritos.

Consideremos, por exemplo, as Orações após a Comunhão:

**“Restaurados à vossa mesa pelo pão da vida, nós vos pedimos, ó Deus, que este alimento da caridade fortifique os nossos corações e nos leve a vos servir em nossos irmãos e irmãs”
(XXII Domingo do Tempo Comum).**

“Aproveite-nos, ó Deus, a comunhão nesta eucaristia, para que vivamos sempre inflamados por aquele Espírito que derramastes sobre os vossos apóstolos” (Vigília de Pentecostes).

“Ó Deus, quisestes que a vossa Igreja fosse o sacramento da salvação para todas as nações, a fim de que a obra do Salvador continuasse até o fim dos tempos. Despertai, no coração dos vossos fiéis, a consciência de que são chamados a trabalhar pela salvação da humanidade até que de todos os povos surja e cresça para vós uma só família e um só povo” (Missa pela evangelização dos povos).

Percebemos ainda com mais clareza o envio missionário nas bênçãos solenes no final da missa:

“Por que seguis confiantes o Cristo que hoje se manifestou ao mundo como luz entre as trevas, Deus vos torne também uma luz para os vossos irmãos” (Epifania).

“Livres por sua intercessão dos males presentes, e inspirados pelos exemplos de suas vidas, possais colocar-vos constantemente a serviço de Deus e dos irmãos” (Todos os Santos).

“Ele, que vos instruiu pela incansável pregação de São Paulo, vos ensine a conquistar também novos irmãos para Cristo” (S. Pedro e S. Paulo).

1

A liturgia e a missão

Se cremos que “a liturgia é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja” (SC 10), ou seja, a liturgia é o ponto alto de todo trabalho missionário, também cremos que a mesma liturgia é primordialmente fonte de toda a vida cristã (LG 11), fonte da santificação dos homens e da glorificação de Deus (SC 10), fonte e ápice de toda a evangelização (PO 5) e que, cada vez que comemos do pão e bebemos do cálice, anunciamos a morte do Senhor até que ele venha (cf. 1Cor 11,26).

Da liturgia, portanto, enquanto irrupção gratuita de Deus, nasce a força e o dinamismo missionário da Igreja, como muito bem intuiu o Concílio Vaticano II, na Constituição sobre a Sagrada Liturgia: “O Sacrossanto Concilio propõe-se [...] promover tudo o que conduz ao chamamento de todos ao seio da Igreja. Por isso julga ser seu dever cuidar de modo especial da reforma e do incremento da Liturgia” (SC 1).

A presença pascal de Cristo comporta sempre um duplo aspecto: ao mesmo tempo que é uma boa notícia, também é um envio em missão.

Assim, o mesmo Cristo que diz aos discípulos, trancados de medo, “a paz esteja com vocês”, também diz simultaneamente “como o Pai me enviou eu os envio” (Jo 20,21).

Os dois aspectos são indivisos.

O Ressuscitado se manifesta, mas não é retido.

À Madalena pede: “Não me retenhas, [...]. Vai, porém, a meus irmãos [...]. Maria foi então anunciar aos discípulos que vira o Senhor, narrando-lhes as coisas que ele lhe tinha dito (cf. Jo 19,17-18).

Aos discípulos de Emaús se tornou invisível, depois de ter-lhes aberto os olhos, fazendo-os voltar para Jerusalém a fim de anunciar que tinham reconhecido o Senhor na fração do pão (Lc 24.33-35).

Tal como o anjo que anuncia a ressurreição, a liturgia refere-se sempre a um outro passo: “Ide contar aos discípulos que ele ressuscitou dos mortos, e que vos precede na Galiléia. Ali o vereis” (Mt 28,7).

São Paulo define sua ação missionária de anunciar o Evangelho com verbos litúrgicos: prestar culto e fazer memória: “Deus, a quem presto um culto espiritual, anunciando o evangelho de seu Filho, é testemunha de que, em minhas orações, faço memória de vós continuamente” (Rm 1,9-10).

Esta memória de que fala o Apóstolo, segundo os exegetas, deve ser colocada na linha da anámnese litúrgica e significa a memória da obra salvífica de Deus que se faz presente em cada liturgia que celebramos.

2

A liturgia: fonte de espiritualidade do missionário

A uma Igreja que caminha e que se põe na estrada, tal como os discípulos de Emaús (Lc 23,13-35), a liturgia oferece três experiências marcantes que alicerçam e fundamentam a missão:

a) A experiência propriamente eclesial de reunir-se com os irmãos e as irmãs na fé, de acolher e ser acolhido, de reunir-se em nome de Cristo.

Por mais solitário que possa estar, ou por mais árdua que possa ser sua missão, o cristão missionário reporta-se sempre a uma comunidade que o sustenta.

b) A experiência de aprender a Palavra de Deus de forma que o coração se abra, numa nova estruturação de sentidos, capaz de integrar o sofrimento, a dor e a morte.

O missionário sabe que na base de sua missão está uma Palavra – ou melhor, está a Palavra – que o envia e o convoca.

c) A experiência da fração do Pão e do reconhecimento da presença do Cristo, como memória explícita e reconhecimento expresso de sua aliança conosco.

O dinamismo missionário da Igreja não nasce da vontade dos homens que decidem fazer-se propagadores de sua fé, mas nasce do Espírito que atua nas celebrações litúrgicas.

A missão não é nunca proselitismo ou mero serviço humano, mas decorre sempre da aliança que se constitui e se estrutura na eucaristia e no partir do pão que é o próprio Cristo.

3

Os desafios da liturgia a partir da missão

Para ser sentida e vivenciada como formadora de missionários de Jesus Cristo, a liturgia precisa ser aquilo que ela é: liturgia.

Com frequência, os pastores aproveitam as celebrações para fazerem campanha missionária.

A liturgia, no entanto, não deveria ser ocasião de campanha missionária.

Ela, em si, é fonte de missão.

Mas aí é que reside o desafio.

Para ser fonte de missão, a liturgia antes de tudo precisa ser lugar de experiência de Deus, que com o Pai, por Cristo, no Espírito Santo, acolhe e reúne seus filhos e filhas como comunidade de irmãos e irmãs e não apenas como justaposição de crentes.

Deve permitir uma leitura cordial e vivificante da Palavra de Deus, mais do que doutrinária e moralista.

Deve ser a renovação da aliança que acolhe o projeto vivificador e libertador de Cristo, mais que uma simples devoção ou ato piedoso.

A liturgia só será plenamente missionária se for plenamente liturgia, ou seja, se for experiência densa e transformadora de Cristo ressuscitado, a exemplo das primeiras comunidades que a cada dia viam o número de fiéis crescer porque “dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo” (At 2,46-47).

O tempo depois do Concílio Vaticano II foi marcado pelo esforço da Igreja em responder a este desafio.

Por isso, procurou inserir-se profeticamente na transformação social, política e cultural do continente.

Medellin colocou a liturgia no centro dessa missão na história do povo, ligando liturgia e vida, celebração e compromisso histórico, afirmando que “a celebração litúrgica coroa e comporta um compromisso com a realidade humana” (Me 9,4).

Puebla assumiu o maior entrosamento que começou a existir entre formas litúrgicas tradicionais e a piedade popular (cf. Puebla 465).

Santo Domingo quis assumir uma liturgia em total fidelidade ao Concílio Vaticano II, bem como recuperar a adoção de formas, sinais e ações próprias das culturas da América e do Caribe (cf. SD 53).

Apesar de orientações tão claras e firmes, sem desconsiderar os grandes avanços, a liturgia ainda tem diante de si muitos e sérios desafios:

a) Um grande desafio para as nossas celebrações litúrgicas é a cultura das grandes cidades.

O ritmo de vida de nossas cidades induz as pessoas ao stress, à pressa, ao secularismo, ao anonimato, à dispersão familiar, ao lazer pelo lazer nos fins de semana.

Essa situação, com certeza, vai exigir muita criatividade em termos de espaço celebrativo, locais, horário e duração das celebrações, linguagem, acolhida, critérios de pertença à comunidade, bem como o processo de iniciação e formação litúrgica.

Ainda, nas grandes cidades, em suas periferias, além do individualismo, do anonimato, da privatização da vida espiritual, vamos encontrar sérios problemas sociais (fome, doenças, violência, desemprego...).

A prática da partilha de alimentos e roupas, a preparação de festas da comunidade, a visita aos doentes em equipe, o serviço organizado aos pobres, são forças que levam à quebra do individualismo.

A liturgia só será eficaz, se engajar a comunidade nesse processo, como fundamento e consequência da celebração.

b) Desafio de uma perigosa tendência que centraliza a liturgia na pessoa do ministro ordenado, e pede cautela para locuções tais como “comunidade celebrante” ou “assembleia celebrante”, não sentindo pudor de desejar a volta do missal de Pio V.

E chega até acusar a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II de ser a promotora da descristianização atual.

Diante desta situação, a liturgia tem a grande tarefa de lembrar que, “participando do sacrifício eucarístico, fonte e ápice de toda a vida cristã, (os fiéis) oferecem a Deus a Vítima divina e com Ela a si mesmos. Assim, quer pela oblação, quer pela sagrada comunhão, todos – cada um segundo sua condição – exercem na ação litúrgica a parte que lhes é própria. Reconfortados pelo Corpo de Cristo na sagrada comunhão, mostram de modo concreto a unidade do Povo de Deus, apropriadamente significada e maravilhosamente realizada por este augustíssimo Sacramento” (LG 11).

“Por isso a Igreja, com diligente solícitude, zela para que os fiéis não assistam a este mistério da fé como estranhos ou espectadores mudos. [...]. (Mas) aprendam a oferecer-se a si próprios oferecendo a hóstia imaculada, não só pelas mãos do sacerdote, mas também juntamente com ele” (SC 48).

c) Desafios que vêm da visão angelical, desligada do mundo e da história, onde a participação nas celebrações litúrgicas é o momento de abstrair-se das lutas do dia a dia, transportando-se para uma realidade etérea e alucinante, totalmente contrária à natureza da liturgia.

A celebração deverá recuperar a ligação da vida com a liturgia, celebrando o mistério pascal de Cristo presente e em realização na vida do povo.

d) Desafios que vêm da visão que privilegia apenas a ótica da política ou do compromisso social.

Sem dúvida, a liturgia é práxis, mas é também festa, gratuidade.

Limitar a celebração a um protesto, a uma campanha de conscientização, significa adulterá-la.

Por isso a ação litúrgica cuidará de unir verticalidade com horizontalidade na celebração, dando prioridade à dimensão orante, de modo que a assembleia se una a Deus e a Cristo e se sinta ungida e urgida a assumir o compromisso profético de transformação das estruturas injustas.

e) Desafios que vêm da pouca formação teológica e a quase completa falta de iniciação aos ritos e ao sentido da celebração, gerando uma mentalidade rubricista, preocupada em assegurar a validade das ações rituais.

Para conseguir a participação consciente e frutuosa dos participantes, a liturgia terá que fundamentar teologicamente em que consiste a natureza da celebração cristã e, ao mesmo tempo, encontrar um jeito simples de celebrar com o povo, valorizando suas aspirações e investindo numa acolhida calorosa e no emprego de uma linguagem acessível.

Os ritos fechados em si mesmos nada dizem.

Devem estar relacionados e em íntima conexão com o mistério celebrado.

Aqui falta a verdadeira teologia do que seja uma celebração do mistério pascal de Cristo e sua relação profunda com o hoje da história das pessoas e das comunidades.

f) Desafios provenientes do descuido com a formação litúrgico-musical do clero, dos religiosos e demais agentes de pastoral.

Em consequência, encontramos-nos diante de situações pastorais embaraçosas, como por exemplo, o inadequado exercício do ministério litúrgico do canto nas “missas show” transmitidas por alguns canais de televisão, além da divulgação de produções musicais de baixa qualidade e quase sempre não condizentes com a natureza da liturgia.

g) Desafios que vêm do uso indiscriminado dos meios de comunicação social pela liturgia.

A espetacularização e a mercantilização tendem a fazer das celebrações objeto de mercado e concorrência.

O problema é muito sério.

Os ritos não são feitos para serem assistidos, mas participados.

Diferente da TV que produz espetáculo para serem assistidos, a ação ritual não se deixa assistir.

É um evento que os atores fazem para si mesmos.

O uso indiscriminado dos MCS pela liturgia com certeza faz concessões ao sistema midiático, provocando conflitos com a natureza das celebrações litúrgicas, conflitos caracterizados por um retorno ao devocionalismo, a transformação do presbitério em palco, da assembleia em plateia e do padre em animador de “show” ou de programa de auditório.

Na relação mídia–liturgia, geralmente a mídia acaba sendo a que dita as regras do jogo, nem sempre consoantes com as regras da liturgia.

Conclusão

A liturgia e a missão devem ser vividas na unidade do mistério.

Jamais terá sentido opor, justapor ou preferir uma a outra.

“A Igreja não é uma quando celebra a liturgia e outra quando seus membros a vivem: apenas age diversamente.

O mesmo acontece com sua missão.

Não tem uma face voltada para Deus e outra voltada para os homens.

Sua missão nos últimos tempos é ser o rosto de Deus no qual os homens podem reconhecer aquele que procuram e, na mesma luz, o rosto dos homens que reflete a glória de Deus (cf. 2Co 4,6).

A Igreja recebe e descobre a sua missão quando celebra a liturgia.

“A liturgia celebrada e a liturgia da missão são dois momentos do mesmo amor: como amar nossos irmãos se não acolhemos antes Aquele que nos amou primeiro? São os dois movimentos do mesmo mistério pascal”.

Sem a liturgia, a missão vira publicidade.

“Só podemos ser testemunhas daquele que ouvimos, que nossos olhos contemplaram e que nossas mãos tocaram, se seu fogo nos purificar até moldar-nos totalmente a ele. Da epíclese de nosso batismo à de nossas eucaristias, é este mesmo fogo que age em nós para que a vida realize sua obra em nossos irmãos”.

É por isso que em todas as celebrações somos enviados: “Ide! O Senhor vos acompanhe! A alegria do Senhor seja a vossa força! Glorificai o Senhor com vossa vida! Levai a todos a alegria do Senhor ressuscitado!”

**E de nosso coração dilatado, alimentado
pela partilha do pão da Palavra e da Eucaristia,
brota a expressão de júbilo pelo dom da Liturgia
e da Missão: “Graças a Deus!”**

**ITE MISSA EST: A LITURGIA FORMADORA DE
MISSIONÁRIOS**

Autor: DOM MANOEL JOÃO FRANCISCO

Arte: Pe. Edson Luis Andretta